

metais preciosos, como então acontecia com a Espanha, mas sim àquelas onde seriam canalizados esses metais. “Que utilidades tem conseguido a Espanha de seu famoso Potosi e de outras minas desta mesma América ?” Questões dessa natureza, formuladas por Vieira, são por ele mesmo respondidas: “Eles (os espanhóis) cavam e navegam a prata e os estrangeiros a logram.”

Desses estrangeiros, Vieira conhecia muito bem os holandeses, aos quais chegara a julgar conveniente se entregar Pernambuco (1648). Essa estranha proposição torna-se compreensível, ante a hábil manipulação dos documentos, efetuada por Graham.

Reconheçamos, portanto, que o trabalho em apreço, — realizado quando o autor estava na casa dos vinte anos e longe de nossos arquivos, — constitui uma valiosa contribuição à historiografia vieirense, sobretudo no que diz respeito à documentação, bibliografia e esquema de trabalho.

*

A DESINTEGRAÇÃO DA VIDA CULTURAL

Líbano Calil Atallah
(São Paulo, SP)

Ao que parece, dentro de pouco tempo receberemos a triste notícia de mais um largo passo no vasto programa de desintegração de nossa vida cultural. A tradicional **Brasiliana**, a mais antiga, a maior, a melhor e a mais conhecida coleção dedicada à História do Brasil, está ameaçada de extinção por razões de ordem comercial. Será um triste presente de Natal para aqueles que aprenderam a acompanhar e a estimar esse verdadeiro monumento cultural que Octales Marcondes Ferreira lançou e, pela sua casa, a Companhia Editora Nacional, editou a partir do distante ano de 1931. Não completou, lamentavelmente, o meio século de existência com comemorações alegres por parte da intelectualidade e da imprensa; ninguém se apercebeu disso. Não completará, também, os quatrocentos títulos, o que não é de se estranhar neste país de niilismo cultural em constante ascensão. E, se alcançou, a duras penas, os cinquenta anos de vida, deve-se o fato, na verdade, mais aos bibliófilos, aos fiéis colecionadores de livros e ao idealismo dos editores, que aos estudiosos (pesquisadores, professores, jornalistas, escritores, estudantes, diletantes) aos quais se destinara. Triste missão essa de consolidar a posição de retaguarda em que se vê colocado o nome do Brasil nas estatísticas da cultura internacional. Mais triste, ainda, pelo fatalismo acomodado com que o desaparecimento da **Brasiliana** vem sendo esperado pelas diversas categorias intelectuais e suas não poucas associações,

porquanto é com o seu absoluto silêncio que essa medida lamentável chegará a se concretizar.

Sejamos justos: é perfeitamente válido o argumento dos editores, que há pouco adquiriram o acervo da tradicional casa. A coleção é deficitária e vinha sendo mantida por puro idealismo de seu fundador e de seus diretores, assessorados por parte dos funcionários da Companhia Editora Nacional. Mas, nestes tempos, em que qualquer empresa comercial se vê exigida por compromissos sufocantes, os termos de idealismo deixam de ter significado positivo; a ninguém mais convém publicar livros que provoquem prejuízos, mormente quando o público se furta a corresponder. Para comprovar a verdade, será suficiente procurar nas poucas livrarias existentes em todo o País quais as que expõem títulos da **Brasiliana** à venda. E não os expõem por falta de compradores. Os atuais proprietários da editora, que ganharam celebridade justamente por seu realismo comercial agressivo, fruto de uma análise inteligente do que seja o mercado de livros brasileiro, não podem e não querem ser onerados por uma herança que, embora muito honrosa, só venha a representar desembolso de dinheiro e perigo de quebra. Muito maior é a responsabilidade do público, quando se diz interessado na prossecução de empreendimentos como esse da coleção **Brasiliana**, responsabilidade que se assumirá apenas adquirindo os títulos editados. Claro que me estou referindo ao público brasileiro, alérgico ao livro, à sua aquisição e à sua leitura, mas o fato não lhe diminuiu a responsabilidade diante de problema. Uma indústria editorial sólida e seleta será, sempre, decorrência de uma cultura sólida e seleta. Será suficiente que o público procure livros de nível médio ou alto para que eles venham ao mercado. Se a cultura, ao contrário, for frágil, ou degenerada, ou apenas desprezada, outros serão os livros oferecidos. E a verdadeira e boa cultura pode começar por um simples ato de desejo, sincero, não aparente. No caso em evidência, o da coleção **Brasiliana**, também esse ato de desejo, sincero, não aparente, poderá representar sua sobrevivência, mormente quando se sabe que essa coleção é bastante conhecida, estimada e procurada fora de nossas fronteiras. Descontado o conteúdo legendário de que se revestiu, é bem possível que seja mais estimada além das fronteiras do que pelo povo brasileiro. É até mesmo, bem possível que ela venha a continuar por força de apelos vindos de intelectuais estrangeiros.

Em todo caso, o problema começa a ser de responsabilidade de nossos próprios intelectuais (pesquisadores, escritores, professores, críticos literários, jornalistas, estudantes, diletantes) e das respectivas associações, além dos bibliófilos, mais fiéis, porém em menor número, que vêm portando o estandarte quase sozinhos. A imprensa que apareça, pois boa parte do quinhão na responsabilidade do reerguimento será sua; a crítica literária, de modo mais específico. Os governos (federal e estadual)

também terão sua parte, e substancial, pois é conhecido o fato de que as coedições permitiram duplicar as tiragens da **Brasiliana**. Aos editores poderá caber, isto sim, reconsiderar a questão e procurar o melhor meio de dar à **Brasiliana** a promoção que ela jamais teve e que poderá levar ao aumento de tiragem suficiente.

Só não será lícito a ninguém permanecer omissa diante da possível extinção da **Brasiliana** (tanto a de pequeno como a de grande formato), omissão muito cômoda, sem dúvida, mas que só fará aumentar as dimensões desse verdadeiro crime de lesa-cultura e de lesa-pátria que nos ameaça. Bastará pôr mãos à obra. Afinal, a coleção **Brasiliana**, com seu meio centenário de existência, e seus quatrocentos volumes, representa tanto quanto uma biblioteca especializada em Brasil. Se preferirem uma "deixa" de expressiva simbologia, podem tomar nota: é o álbum de família da Nacionalidade Brasileira. Não pode desaparecer.

(N. da R. — Este pronunciamento, de autoria de um dos mais conhecidos e conceituados livreiros de São Paulo, foi publicado na seção "Dos Leitores", de "O Estado de S. Paulo", de 14 de dezembro de 1980. Julgamos oportuno transcrevê-lo — e para tanto solicitamos ao autor a devida autorização — não só porque o subscrevemos integralmente, como, ainda, pela posição em que esta revista se colocou desde o seu número inicial face à importante coleção. Através das páginas de nossa publicação, realizamos, ao longo de quase dez anos, um vasto trabalho de recensão, volume por volume, da coleção **Brasiliana**, o que prova, iniludivelmente, o alto apreço em que a temos. É nossa intenção mesmo rever as notas publicadas e editá-las em livro. Podemos afirmar, ainda, que a seção da NBH sobre a **Brasiliana** foi sempre uma das mais apreciadas da revista, especialmente se considerarmos que quando a iniciamos a preciosa coleção estava praticamente toda esgotada, fora, portanto, do alcance do leitor comum. De então para cá empreendeu a editora um vasto programa de reedição, em convênio com o Instituto Nacional do Livro, o que permitiu que muitas das obras então esgotadas, fossem novamente encontradas e a preço bastante acessível, justamente pelo convênio com aquele importante órgão do Ministério da Educação e Cultura. Dias após a publicação do pronunciamento aqui transcrito, a Academia Paulista de História e o Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo manifestaram-se no mesmo sentido, enviando moções à editora em favor da continuidade da **Brasiliana**. Isto, aliás, segundo L/bano Calil Atallah, é o mfnimo que as entidades culturais do Brasil podem e devem fazer em favor de um legítimo patrimônio cultural, como o que representa a preciosa coleção, que no corrente ano comemorará seu cinqüentenário. Foi, de fato, em fins de 1931, que apareceu o primeiro volume, **Figuras do Império e outros ensaios**, de Batista Pereira, ensaísta e historiador rio-grandense, cujo centenário de nascimento foi condignamente comemorado no ano passado.)

*

* *